

ANÁLISE DE DISCURSO DE FILIAÇÃO FRANCESA: ALGUNS DISCURSOS NA POLARIZAÇÃO IDEOLÓGICA NO BRASIL

French Discourse Analysis: Some Discourses in the Ideological Polarization in Brazil

DOI: 10.14393/LL63-v36n1-2020-4

Alencar Guth*

RESUMO: A Análise de Discurso (AD) de filiação francesa rompeu com o estruturalismo e com o gerativismo, que buscavam formalizar a ciência linguística nos anos 1960 e 1970. A “disciplina de interpretação”, como ficou conhecida a AD, passou a considerar o sujeito e a história nos estudos da linguagem. Essa AD tem base no materialismo histórico, na linguística e na teoria do discurso, todos perpassados pela psicanálise (PÊCHEUX; FUCHS, 1997). Neste trabalho, embasado na AD, apresento gestos de análise de alguns discursos em torno das eleições presidenciais brasileiras de 2018, momento em que o país sofreu intensa polarização ideológica. Esse fato mexeu com os discursos dos políticos e do povo, refletindo-se nas representações da bandeira nacional: a bandeira oficial e seu escrito positivista “Ordem e Progresso” se tornaram materialidades do discurso conservador, enquanto os progressistas tiveram que fazer deslizamentos da representação original dessa bandeira a fim de produzirem outros sentidos.

PALAVRAS-CHAVE: Pêcheux. Análise de Discurso. Proteja Seus Amigos. Índios, Negros e Pobres. Ordem e Progresso.

ABSTRACT: French Discourse Analysis (DA) has drifted away from both structuralism and generativism, both of which sought to establish a linguistic science in the 1960s and 1970s. DA was known started to consider both the individual and history in language studies. It draws on historical materialism, linguistics and discourse theory, all of which are interfaced with psychoanalysis (PECHEUX; FUCHS, 1997). In this article, I present an analysis of some discourses surrounding the 2018 presidential running in Brazil, a moment of intense ideological polarization in the country. It impacted the discourses of both politicians and citizens and reflected on the representations of the Brazilian flag: the official flag and its positivist slogan “Ordem e Progresso” [“Order and Progress”] became a materiality of conservative discourse, whereas progressists had to modify the original representation of that flag in order to produce other meanings.

KEYWORDS: Pêcheux. Discourse Analysis. Protect Your Friends. Native, Black, and Poor Brazilians. Order and Progress.

* Graduado em Letras – Português/Inglês pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná, *Campus Curitiba* (UTFPR-CT). Atualmente está vinculado ao programa de Mestrado em Letras – Estudos Linguísticos da Universidade Federal do Paraná (UFPR). ORCID: 0000-0003-1585-8678. E-mail: alencarguth(AT)gmail.com.

1 Introdução

A Análise de Discurso (AD) de filiação francesa foi fundada em meados dos anos 1960, em um momento em que as bases do estruturalismo estavam mais sólidas que nunca. Nessa época, ainda, via-se surgir o gerativismo chomskyano, que também visava aprimorar a formalização da linguística. A AD francesa, principalmente a partir da década de 1970, pega carona no estabelecimento e fortalecimento da ciência linguística, mas vai na contramão dos paradigmas estruturalistas e gerativistas para se fortalecer como campo de estudo que, diferentemente dos estudos anteriores, leva em consideração o sujeito na história (MALDIDIER, 2014). De fato, nessa época, “o que a AD faz de mais corrosivo é abrir um campo de questões no interior da própria linguística, operando um sensível deslocamento de terreno na área, sobretudo nos conceitos de língua, historicidade e sujeito, deixados à margem pelas correntes em voga na época.” (GUERRA, 2009, p. 06).

O fato de inscrever a linguagem (e o sujeito) na história faz que a AD seja tida como uma disciplina de interpretação, ou seja, pela perspectiva discursiva, a linguagem só é linguagem porque faz sentido. Para trabalhar o sentido em relação a algo (CANGUILHEN, 1980 apud ORLANDI, 1999), a AD se baseia na articulação de três áreas do conhecimento: 1) o materialismo histórico (compreendida nele a teoria das ideologias); 2) a linguística; e 3) a teoria do discurso – todas perpassadas por uma teoria da subjetividade oriunda da psicanálise (PECHEUX; FUCHS, 1997; ORLANDI, 1999). Apesar disso, como afirma Orlandi (1999, p. 26), “a Análise do Discurso não estaciona na interpretação, trabalha seus limites, seus mecanismos, como parte dos processos de significação”. Ainda, a AD não é apenas uma análise de conteúdo, nem uma análise do seu funcionamento linguístico por si próprio (FLORÊNCIO *et al.*, 2009, p. 92). Por meio dela, deve-se entender como os objetos simbólicos produzem sentido, analisando-se também o co-texto e o contexto imediato. Assim, a AD visa à compreensão, que é saber como as interpretações funcionam – por isso a importância de organizar os gestos de interpretação que relacionam sujeito e sentido (ORLANDI, 1999, p. 26-27).

O gesto de análise que realizo aqui insere as materialidades discursivas na história, visando a demonstrar as suas condições de produção para interpretar os sentidos que se dão nos sujeitos.

Com o fim de elaborar o meu dispositivo de análise, decidi escolher como materialidades discursivas os enunciados (considerando os seus co-textos e contextos imediatos) em torno das eleições presidenciais brasileiras de 2018, momento em que o país sofreu uma forte polarização ideológica. Para isso, utilizo como objetos de análise parte das campanhas eleitorais dos candidatos à Presidência Jair Bolsonaro e Fernando Haddad e o modo como a bandeira nacional significa em seus discursos, além de manifestações de personalidades da mídia e memes a respeito dos candidatos, partidos e ideologias envolvidos na eleição, todas trazendo a bandeira de uma maneira peculiar, deslizada em nome do sentido que a ela atribuíram. Por último, aproximo a isso o enredo e o deslizamento da bandeira nacional elaborados pela Estação Primeira da Mangueira, cujo tema se relaciona ao contexto histórico e social em que o Brasil se encontrava à época, já no momento pós-eleições – e ainda se encontra, de certa forma.

A partir daqui, apresento alguns pressupostos teóricos da teoria de Pêcheux, bem como comentários de outros analistas do discurso. Essas balizas teóricas serão retomadas e entrelaçadas ao gesto de análise que introduzi acima e desenvolverei adiante. A partir disso, veremos como a “disciplina da interpretação” dá conta de um contexto do qual somos parte, e cujos discursos nos interpelam ao modo que perpassam as formações discursivas nas quais estamos inscritos e inscritas.¹

2 Pressupostos teóricos

Para responder aos propósitos de uma teoria do discurso, Pêcheux recorreu à concepção materialista da história, a partir do denominado materialismo histórico. Segundo seu grupo de trabalho, “o materialismo histórico era definido como uma teoria das formações sociais e de suas transformações, envolvendo uma teoria da ideologia” (AMARAL; ZOPPI-FONTANA; 2015, p. 36). Foi nessa concepção que Pêcheux procurou elementos para desenvolver uma teoria e um dispositivo de análise de discurso. Com isso, “visava superar a

¹ Com o fim de não me delongar no percurso histórico do surgimento na AD, não darei ênfase aos detalhes da dupla fundação desse campo de estudos por Jean Dubois e Michel Pêcheux (Cf. MALDIDIÉ, 2014). Darei maior destaque à AD pecheuxtiana, embora tampouco detalhe a evolução que proporcionou as três épocas dessa vertente da AD (Cf. PECHEUX, 2014).

tendência formalista-logicista e a idealista, que orientavam os estudos da linguagem.” (AMARAL; ZOPPI-FONTANA, 2015, p. 36-37). Por isso, ter o conceito de ideologia como central em sua criação de uma teoria da análise de discurso promoveu uma grande ruptura – por meio da articulação entre história, ideologia e língua – no contexto epistemológico e político da época (AMARAL; ZOPPI-FONTANA, 2015).

De acordo com Orlandi (1999, p. 17),

Partindo da ideia de que a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua, [a Análise do Discurso] trabalha a relação língua-discurso-ideologia. Essa relação se complementa com o fato de que, como diz M. Pêcheux (1975), não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido. (ORLANDI, 1999, p. 17)

Assim, o quadro epistemológico geral da AD pecheuxiana se encontra na articulação de três áreas de conhecimento científico, como adiantado na introdução do trabalho: o materialismo histórico, que compreende a teoria das ideologias; a linguística, que abrange a teoria dos mecanismos sintáticos e de enunciação; e a teoria do discurso que determina, historicamente, os processos semânticos. Tudo isso é perpassado, enfim, por uma teoria de subjetividade – oriunda da psicanálise (PÊCHEUX; FUCHS, 1997).

Mais detalhadamente, segundo Pêcheux e Catherine Fuchs (1997), deve-se buscar no materialismo histórico de Marx a superestrutura ideológica na sua relação com os modos de produção – que são “uma maneira, uma forma (um modo) de produzir [...] os bens indispensáveis para a existência material dos homens, mulheres e crianças que vivem em uma determinada formação social” (ALTHUSSER, 2008, p. 45). Segundo Althusser (2008), ainda, um determinado modo domina uma determinada *formação social*. A partir disso, a ideologia se constrói sobre uma materialidade específica. O funcionamento dessa instância ideológica, por sua vez, ao reproduzir as relações de produção é o que se convencionou chamar de *interpelação do sujeito*, o qual é conduzido a ocupar um lugar em uma classe – e ele a ocupa sem se dar conta e sem a aparente liberdade que crê ter. Essa reprodução contínua das *relações de classe*, isto é, da interpelação dos indivíduos em sujeitos para ocuparem certas *posições*, ocorre por meio dos *Aparelhos Ideológicos de Estado – AI* – “um sistema de instituições, organizações e práticas correspondentes, definidas [...], [nas quais] é realizada toda a Ideologia

de Estado ou uma parte dessa ideologia” (ALTHUSSER, 2008, p. 104). As relações entre as classes – mais conhecidas por “luta de classes” – ocorrem porque as posições ideológicas dos sujeitos se encontram em *formações ideológicas* que mantêm antagonismos, alianças ou dominação. É nesse conflito entre as formações ideológicas que ocorre a relação entre ideologia e discurso (PÊCHEUX; FUCHS; 1997).

Para entender o que o discurso tem a ver com o exposto, ou seja, a relação entre a teoria do discurso e o materialismo histórico, é válido apontar que o discurso seria a matéria de uma materialidade ideológica. Essa materialidade ideológica é dividida em diversas *formações ideológicas* que, por sua vez, comportam uma ou várias *formações discursivas*. Pêcheux empresta esse último termo de Michel Foucault (1969). Esse dizia que

No caso em que se puder descrever entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso, entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade [...], diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva*. [...] (FOUCAULT, 1995, p. 43, grifo do autor).

Entretanto, Foucault não se preocupou com as *condições de produção* ou com o papel do sujeito e da ideologia na *formação discursiva*. Pêcheux, então, deslocou o conceito de *formação discursiva* para o quadro teórico da AD e o submeteu ao marxismo althusseriano. Pêcheux tenta elaborar a teoria de como as *formações ideológicas* – “um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem individuais nem universais” (HAROCHE *et al.*, 1971 apud BRANDÃO, 1995, p. 38) – se relacionam com as *formações discursivas*, que são também suas constituintes. Para o autor, as *formações discursivas* “[...] determinam o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, um panfleto, uma exposição, um programa etc.) a partir de uma posição dada numa conjuntura” (PÊCHEUX, 1997, p. 166). Isso ocorre no interior de um *aparelho ideológico*, a partir de *condições de produção* específicas. É dessa forma que um indivíduo, inscrito em uma determinada *formação discursiva*, é *interpelado em sujeito* pela ideologia, isto é, “é no interior de uma FD que se realiza o ‘assujeitamento’ do sujeito (ideológico) do discurso” (COURTINE, 2009 apud ORLANDI, 1999, p. 73). Assim, compreende-se que as *formações discursivas* surgem a partir de determinadas *condições de produção* e existem historicamente na *relação de classes*. Não é, entretanto, de

fácil sistematização delimitar os limites das *formações ideológicas e discursivas*. (PÊCHEUX; FUCHS, 1997).

Quanto ao papel da linguística, entende-se que ela trata do lugar material onde se realizam os efeitos de sentido, que têm como fonte os processos discursivos – e que se dão no sujeito. A linguística trata, portanto, do *corpus* discursivo (PÊCHEUX; FUCHS; 1997, p. 170-172). A língua – que é o objeto da linguística – tem uma ordem própria e isso é fundamental para a AD, pois trata de “mostrar que a relação linguagem/pensamento/mundo não é unívoca, não é uma relação direta que se faz termo-a-termo, isto é, não se passa diretamente de um a outro.” (ORLANDI, 1999, p. 19). A AD procura ligar língua e história na produção de sentidos para estudar a forma material linguístico-histórica, isto é, diferente da forma abstrata da linguística tradicional. Em suma, pela perspectiva discursiva, reforçando o que introduzi, “a linguagem é linguagem porque faz sentido. E a linguagem só faz sentido porque se inscreve na história.” (ORLANDI, 1999, p. 25).

Além disso, para a AD de filiação francesa, nem o discurso é visto como livre, totalmente sem relação com língua e história, nem a língua é fechada em si (ORLANDI, 1999) – mais uma prova da ruptura com a linguística estruturalista. A língua é a base que possibilita os processos discursivos, “é a condição de possibilidade do discurso” (ORLANDI, 1999, p. 22). Ainda em relação a isso, é em cada prática discursiva que se sistematiza a fronteira entre língua e discurso, dado que a língua não é um bloco sistemático homogêneo e lógico. (PÊCHEUX, 1995). Orlandi (1999) aponta que nos estudos discursivos a língua é vista como um acontecimento, cujos forma e conteúdo não se separam. A reunião de estrutura com acontecimento – que é a forma material – ocorre no sujeito, que é afetado pela história (ORLANDI, 1999).

Por último, a psicanálise contribui “com o deslocamento da noção de homem para a de sujeito. Este, por sua vez, se constitui na relação com o simbólico, na história.” (ORLANDI, 1999, p. 19). Em outras palavras, como já dito, o indivíduo, quando interpelado pelo discurso, passa a ser sujeito e, assim, passa a produzir sentido.

Em adição a isso, a AD se diferencia da análise de conteúdo por um detalhe aparentemente simples: a análise de conteúdo quer saber “o que” um texto quer dizer, enquanto a AD procura saber “como” um texto significa. Para interpretar esse “como”, porém, é indispensável que a AD tenha em conta as *condições de produção do discurso*, as quais

mencionei anteriormente. Essas condições compreendem, basicamente, os *sujeitos*, a *situação* e a *memória*. Se considerarmos as condições de produção em sentido estrito, temos o contexto imediato da enunciação; se pensarmos em sentido amplo, encontramos o contexto sócio-histórico e ideológico. (ORLANDI, 1995).

Sobre o contexto imediato e a memória, pode-se ir além. Há uma diferença entre a situação empírica da enunciação, ou seja, o lugar imediato de onde alguém fala, e o contexto sócio-histórico e a memória de onde um sujeito interpelado pela ideologia fala, ou seja, a sua *posição no discurso*. É essa posição que importa à AD. Além disso, os sujeitos se constituem a partir das imagens que resultam de projeções sobre eles, e são essas projeções que possibilitam a transição entre situação empírica e *posição no discurso*. Isso é o que se denominou, na AD, como *formações imaginárias*. (ORLANDI, 1999).

A memória que mencionei é o *interdiscurso*, “aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente” (ORLANDI, 1999, p. 31), ou a *memória discursiva*. “O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada” (ORLANDI, 1999, p. 31). Isso demonstra que há uma relação entre o já-dito e aquilo que se diz, ou seja, entre o *interdiscurso* e o *intradiscurso*, que é a linearização, a formulação do que se está dizendo. Essa relação pode ser explicitada por um eixo, como apresenta Courtine (1984): o eixo vertical representa o *interdiscurso*, aquilo que já foi dito e esquecido, mas também o dizível; o eixo horizontal, por sua vez, representa o *intradiscurso*, que seriam as formulações daquilo que se diz em um determinado momento sob determinadas condições (COURTINE, 1984 apud ORLANDI, 1999). Ou seja, um discurso nunca é original em si, ele resgata discursos já ditos e que foram esquecidos e os relaciona com a atualidade. É nessa relação, portanto, que se produzem os sentidos.

A questão do esquecimento é o que Pêcheux apresenta como *esquecimentos 1 e 2*: o primeiro tem a ver com os jeitos diferentes de se enunciar algo, ou seja, que algo sempre poderia ser dito de outra forma, mas os sujeitos “esquecem” disso e acreditam que o que dizem só pode ser dito daquela forma – o que na AD se chama de ilusão referencial; o segundo é o esquecimento ideológico e ocorre quando os sujeitos acreditam que são donos do que dizem, ao passo que apenas estão retomando sentidos pré-existentes (ORLANDI, 1999; PÊCHEUX; FUCHS, 1997). Em suma, os sentidos apenas se realizam nos sujeitos, não se originam neles,

“são determinados pela maneira como nos inscrevemos na língua e na história e é por isso que significam e não pela nossa vontade.” (ORLANDI, 1999, p. 35)

Por fim, Orlandi (1999) consegue resumir, de maneira muito didática, como se compõem as balizas teóricas da AD:

Desse modo, se a Análise do Discurso é herdeira das três regiões de conhecimento – Psicanálise, Linguística, Marxismo – não o é de modo servil e trabalha uma noção – a de discurso – que não se reduz ao objeto da Linguística, nem se deixa absorver pela Teoria Marxista e tampouco corresponde ao que teoriza a Psicanálise. Interroga a Linguística pela historicidade que ela deixa de lado, questiona o Materialismo perguntando pelo simbólico e se demarca da Psicanálise pelo modo como, considerando a historicidade, trabalha a ideologia como materialmente relacionada ao inconsciente sem ser absorvida por ele. (ORLANDI, 1999, p. 20)

Após esse breve percurso pelos pressupostos teóricos da AD francesa, posso cotejar a teoria com o meu dispositivo de análise. As materialidades discursivas que escolhi, inseridas no contexto de uma *formação social* capitalista, isto é, o Brasil, foram elaboradas nas *condições de produção* de uma disputa eleitoral e ideológica, materializadas por meio de narrativas conservadoras e reacionárias em disputa com narrativas progressistas, todas visando à evidência no campo da circulação discursiva. Esses enunciados foram veiculados essencialmente pelas mídias sociais e de informação – que fazem parte do *AI* de informação. Os enunciados aqui escolhidos se inter-relacionam por usarem a bandeira nacional do Brasil como objeto de sentido, seja em sua forma original ou sofrendo algum deslizamento de sentido.

3 Alguns gestos de análise sobre a polarização ideológica no Brasil

3.1 Eleições de 2018

Para a AD francesa, assim como exposto por Orlandi (1999, p. 39), “não há [...] começo absoluto nem ponto final para o discurso”. Por isso, primeiramente, situo a minha escolha na história, como preconiza a AD.

No ano de 2018, mais precisamente nos meses de junho e julho, ocorreu a Copa do Mundo de futebol, sediada na Rússia. Os habitantes do Brasil (“o país do futebol”) se uniram

em torno de televisores para torcer pela “seleção canarinho”. As cores verde e amarela decoravam bares de todos os tipos, lojas, shoppings, escolas etc. A paixão pelo futebol é quase que unânime durante esse tipo de evento, dado que muita gente sem interesse por futebol acompanha a seleção brasileira. Nessa época, as *condições de produção do discurso* eram de união em torno de futebol e de celebração pela possibilidade de uma vitória que só pode chegar a cada quatro anos.

Entretanto, pouco tempo depois, já a partir de agosto de 2018, entrou em cena o contexto das eleições presidenciais brasileiras. O Brasil, como uma *formação social capitalista* e, em tese, democrática, elege seus representantes dos poderes Executivo e Legislativo a cada quatro anos por meio de eleição direta. Essa eleição, no entanto, diferenciava-se por ser a primeira depois de um processo de *impeachment* que dividiu o país em, basicamente, dois blocos, duas *formações ideológicas* distintas: uma conservadora e outra progressista. Nesse caso, portanto, outras *condições de produção do discurso* entraram em jogo, visto que a seleção brasileira já havia sido eliminada do campeonato mundial e o Brasil voltava seus olhares à eleição.

Embora não pretenda demarcar que foi a partir do fim da Copa do Mundo e início do processo eleitoral que os discursos aqui analisados surgiram – lembre-se a citação de Orlandi (1999) no início desta seção –, grande parte dos *sujeitos* foram *interpelados* por uma ideologia conservadora nessa época e, a partir daí, resgataram, no *interdiscurso*, discursos reacionários que visavam a reestabelecer valores que vigoraram durante períodos de autoritarismo – especialmente aquele que se iniciou no Brasil em 1964. Esse grupo, composto majoritariamente por eleitores do então candidato Jair Bolsonaro, do Partido Social Liberal - PSL, passou a enunciar a partir de uma *posição do discurso* nacionalista, patriota, e tomou como objeto simbólico a bandeira oficial do Brasil – que havia poucos meses remetia à paixão pela seleção brasileira de futebol.

Verde e amarelo, com os dizeres positivistas “Ordem e Progresso”, o símbolo nacional, conforme art. 13 § 1º da Constituição Federativa de 1988, passou a remeter, desde o início da campanha política, especialmente a do PSL, ao discurso que perpassava por *formações discursivas* conservadoras, que aludiam ao armamentismo, à homofobia, ao machismo, à xenofobia, entre outros tipos de radicalismo.

Dentre alguns enunciados que transpassam essas *formações discursivas*, apenas para citar alguns ditos pelo próprio então candidato Bolsonaro, estão: “O erro da ditadura foi torturar e não matar”, “Eu sou favorável à tortura”, “Sou a favor, sim, de uma ditadura”, “As minorias têm que se curvar às majorias. As minorias se adequam ou simplesmente desaparecem”, “Eu jamais ia estuprar você porque você não merece”, “O filho começa a ficar assim meio gayzinho, leva um couro, ele muda o comportamento dele”, “Fui num quilombola [sic] em Eldorado Paulista. O afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas. Não fazem nada! Acho que nem para procriadores servem mais”, entre outros que foram reunidos por matéria da revista Carta Capital, de 29 de outubro de 2018². Ao se mencionar a ditadura, por exemplo, via-se o *intradiscurso* da campanha de Bolsonaro buscando, no *interdiscurso*, *formações discursivas* favoráveis à tortura que ocorreram, no Brasil, nas décadas de 1960 e 1970, principalmente. Esse tipo de comentário, então, interpelou muitos sujeitos a se inscreverem em uma posição do discurso conservador.

A campanha do candidato Jair Bolsonaro levava a bandeira nacional ao fundo, sobreposta pelo *slogan* “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” (Figura 1). Esses enunciados remetem a um discurso religioso, o que nos leva ao que Corten aponta como “enunciados originários”, que “se dizem extraídos de um ‘arquivo’ do discurso teológico” (CORTEN, 1999, p. 44). São discursos protopolíticos usados, por exemplo, em sociedades nas quais o pentecostismo está em expansão (CORTEN, 1999) – fato evidente especialmente nas regiões urbanas do Brasil – para moverem suas narrativas ao centro da *circulação discursiva* (CORTEN, 1999), ou seja, para estarem em evidência em relação aos outros discursos que, por sua vez, seriam movidos à periferia do *campo discursivo* – discursos que, no caso das campanhas eleitorais de 2018, tentavam não se posicionar religiosamente, com exceção de alguns candidatos.

² Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-em-25-frases-polemicas/>. Acesso em: 25 set. 2019.



Figura 1. Material de divulgação da campanha de Jair Bolsonaro
Fonte: página oficial de Jair Bolsonaro.

Um fato que demonstra a polarização ideológica e a carga de sentido que a bandeira nacional carregava durante a campanha foi a tentativa do partido concorrente do PSL, o Partido dos Trabalhadores - PT, representado pelos candidatos Fernando Haddad e Manuela D'Ávila, de trocar as cores de sua campanha (tradicionalmente vermelha), e adotarem as tradicionais cores da bandeira nacional (Figuras 2 e 3), como feito pelos marketeiros do PSL. Na campanha petista, não apenas as cores foram modificadas, mas a imagem do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva também foi removida. Isso se explica porque, no momento da campanha, o ex-presidente se encontrava preso, fato que servia de argumento para os concorrentes à presidência, visto que a imagem de um presidiário, nas *formações imaginárias* de uma *formação social capitalista*, é negativa. Conforme matéria do Jornal O Globo, de outubro de 2018,

A campanha do candidato do PT à Presidência, **Fernando Haddad**, adotará as cores **verde e amarelo** no segundo turno. [...] Desde o início da período eleitoral (sic), os apoiadores de **Jair Bolsonaro** (PSL) usam as cores da bandeira do Brasil para pedir votos. Um dos principais lemas contra o PT, inclusive, é "A nossa bandeira jamais será vermelha" [...]. A estratégia do PT é descolar-se da imagem de partido radical, de esquerda, e se aproximar do centro. [...] O novo material foi discutido em reunião da coordenação de campanha [...]. "Não podemos ir para um lado e perder os eleitores que temos. A sintonia é muito fina nesse caso - afirmou um integrante da reunião." (GÓES; ROXO, 2018, grifos do autor)

O próprio enunciado dos jornalistas, ao afirmarem que “a estratégia do PT é descolar-se da imagem de partido radical, de esquerda, e se aproximar do centro”, remete-nos ao que disse Corten (1999) sobre a *circulação discursiva*. Isto é, o PT buscou uma forma de deslocar a sua narrativa da periferia da *circulação discursiva* para se dirigir ao centro do campo de circulação discursiva, tentando se colocar em evidência em relação ao discurso contrário.

Uma fala bastante representativa dessa polarização e do poder que as cores verde e amarela tiveram na produção de sentidos, naquelas *condições de produção*, é a do senador eleito pelo Estado da Bahia, o petista Jaques Wagner: “A bandeira do Brasil é de todos nós. A gente não pode entregar graciosamente para eles o que é um símbolo do país.” (WAGNER apud GÓES; ROXO, 2018). Isso nos mostra como, naquele momento, a representação da bandeira nacional era, conscientemente, parte do discurso atribuído aos candidatos do PSL.



Figura 2. Material de divulgação da campanha de Haddad e Manuela (1º turno)
Fonte: página oficial do Partido dos Trabalhadores.

A partir dessa guinada do PT rumo a um apelo menos extremista, ou ao centro da *circulação discursiva* (CORTEN, 1999), os eleitores da chapa contrária, de extrema-direita, manifestaram-se compartilhando memes no Whatsapp, satirizando a nova estratégia da

campanha petista³. Interpreta-se, na Figura 4, que os *sujeitos interpelados* pela ideologia conservadora se colocam como cordeiros, resgatando no imaginário popular, que é parte do *interdiscurso*, que esses animais são seres bons e indefesos, aos quais o lobo petista e vermelho (“em pele de cordeiro” de direita, verde e amarelo) está tentando atacar. O Papai-Noel (Figura 5), velho bondoso que leva presentes às crianças, tem o vermelho como sua cor típica – assim como o PT. Porém, dadas as *condições de produção* naquele contexto de grande polarização ideológica, prefere trocar as cores de suas vestimentas para não ser confundido com aqueles que ocupam outra *posição no discurso*, no caso, de esquerda.



Figura 3. Material de divulgação da campanha de Haddad e Manuela (2º turno)
Fonte: página oficial do Partido dos Trabalhadores.

Nota-se que os sujeitos inscritos nessa posição percebem como as cores compõem, também, o discurso. São o *co-texto* que acompanha os enunciados que ganham sentido nos sujeitos interpelados pela ideologia conservadora. Nessas fotos vemos como outros discursos são resgatados, no *interdiscurso*, e atualizados pelos sujeitos nas *condições de produção* do momento das eleições em 2018.

³ Disponível: <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1614156312894267-no-whatsapp-campanha-verde-e-amarela-de-haddad-e-ironizada>. Acesso em: 25 set. 2019.



Figura 4. Meme compartilhado por eleitores de Jair Bolsonaro
Fonte: Folha de São Paulo/Divulgação.



Figura 5. Meme compartilhado por eleitores de Jair Bolsonaro
Fonte: Folha de São Paulo/Divulgação.

Observa-se, ainda, que a *interpelação dos sujeitos*, tanto nas campanhas oficiais quanto nos comentários ao redor delas, dá-se através da mídia (Whatsapp e, como veremos na próxima seção, Instagram e Twitter), instrumento poderoso de informação e

compartilhamento de enunciados. Após o advento da internet e o surgimento das redes sociais – todos desenvolvidos em um momento em que o neoliberalismo se apresenta como elemento forte nas *formações sociais* capitalistas – o *Al midiático* se expandiu a proporções inéditas, dado que a simultaneidade na disseminação de enunciados e sentidos, de certa forma, catalisa a *interpelação dos sujeitos*. Isso ocorre ainda mais intensivamente por conta do afastamento do Estado nas relações sociais, característica importante do neoliberalismo.

A seguir, veremos mais enunciados que se relacionam com as *condições de produção* das campanhas eleitorais e pós-resultado das eleições. Eles partem de sujeitos inscritos em *posições de discursos* tidos como minoritários e que são *interpelados* pelo discurso progressista. Esses sujeitos também utilizam a bandeira nacional como objeto de sentido, embora apareça deslizada em relação ao objeto original.

3.2 Proteja seus amigos

O momento eleitoral mobilizou não apenas os partidos políticos, mas também outros *sujeitos interpelados* por uma ideologia progressista, que, sentindo-se não representados pelo discurso conservador e pela bandeira nacional, passaram a usar uma bandeira que pode ser interpretada como um deslizamento do símbolo nacional: um objeto com as mesmas formas da bandeira original, porém nas cores rosa e amarela, contendo o enunciado “Proteja seus amigos”.

Esses dizeres surgiram a partir de uma resposta da comunidade LGBTQIAP+ ao se sentir ameaçada pelo discurso homofóbico dos sujeitos inscritos na *posição* conservadora (pró-Bolsonaro). Essa representação veio a público por meio da conta do Instagram da *drag queen* e cantora Pablio Vittar, personalidade associada, muitas vezes, a *formações ideológicas* opostas do discurso conservador, visto que a cantora se inscreve, por meio de seu trabalho, em *formações discursivas* que rompem com os padrões de gênero e sexualidade presentes nas *formações discursivas* do discurso conservador. Na legenda da foto (Figura 6), Vittar se posiciona claramente a favor dos candidatos petistas: “se você ama seus amigos vote 13 no segundo turno 🍷 #haddadpresidente #haddad13 art: @manoelaczr”⁴.

⁴ Manoela Cezar é a artista que criou a bandeira “Proteja seus amigos”.



Figura 6. Bandeira “proteja seus amigos”.
Fonte: Instagram oficial da cantora Pablo Vittar.

Além disso, logo após a vitória e a tomada de posse do atual presidente Bolsonaro, Damares Alves, ao ser nomeada como ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, no dia 02 de janeiro de 2019, proferiu uma declaração polêmica: “menino veste azul e menina veste rosa”⁵. Nesse caso, outros brasileiros, ainda que não fizessem parte da comunidade LGBTQIAP+ abertamente, inscreveram-se na mesma *posição do discurso* na qual a *drag queen* estava inscrita. Um exemplo é o cantor Caetano Veloso, que, em sua conta do *Twitter*, publicou a *hashtag* #MeninosVestemRosa na legenda da foto em que aparece com uma camiseta com a estampa da bandeira rosa e amarela que divulgara Vittar (Figura 7).

⁵ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/menino-veste-azul-menina-veste-rosa-diz-damares-alves-em-video-23343024>. Acesso em: 25 set. 2019.



Figura 7. Fotografia compartilhada pelo cantor Caetano Veloso
Fonte: Twitter oficial do cantor Caetano Veloso.

No caso da campanha “Proteja seus amigos”, percebe-se que formações discursivas minoritizadas endossaram a campanha petista para o segundo turno das eleições ou, no caso do cantor Caetano Veloso, tornaram-se resistência ao discurso que havia tido sucesso nas eleições. Por serem, também, personalidades que fazem parte da cultura do país, pode-se aproximar o *AI* cultural na *interpelação dos sujeitos* pelo discurso progressista. A seguir, veremos um caso em que o *AI* cultural é instrumento de forte interpelação dos sujeitos em prol da mesma *formação ideológica* progressista explicitada pelos gestos de análise já apresentados.

3.3 Índios, Negros e Pobres

Outra materialidade que se contrapõe ao discurso reacionário que se pôs em evidência no campo de circulação discursiva do fim do ano de 2018 é a bandeira do Brasil adaptada pela Estação Primeira da Mangueira, tradicional escola de samba carioca, de origem no Morro da Mangueira, periferia do Rio de Janeiro. O objeto simbólico do movimento retoma as formas da bandeira original, porém substitui suas cores e dizeres: é verde e roxa, cores representativas da escola, com os escritos “Índios, Negros e Pobres” (Figura 8). É mais um deslizamento do símbolo que passou a ter sentido nos sujeitos depois de sua interpelação pela ideologia progressista nas condições de produção da vitória do conservadorismo nas eleições de 2018.



Figura 8. Bandeira nacional modificada para desfile de Carnaval
Fonte: Instagram oficial da Estação Primeira de Mangueira.

Conforme conta a história, os habitantes do Morro da Mangueira, de origem afro-brasileira, “nos Carnavais, como não podiam participar dos elegantes desfiles dos brancos, tinham seus blocos para se divertirem. Familiares, tudo com muito respeito. Mas justamente os melhores sambistas – e Mangueira já era um conhecido reduto do samba – não eram bem vindos.” (PEIXE *et al.*, 2017, p. 1). Desde 1923, quando o primeiro bloco foi formado no Morro da Mangueira, até 2019, quando a escola de samba venceu o desfile de Carnaval com o enredo “história pra ninar gente grande”, a Mangueira tem tido preocupação em respeitar as minorias que sempre foram excluídas pelo discurso conservador. Assim como os grupos LGBTQIAP+, outros grupos minoritarizados como os índios, negros e pobres também se sentiam de fora da

formação ideológica representada pela bandeira nacional tradicional, verde e amarela. Nesse caso, portanto, vemos a *relação de classes* emergindo na produção dos sentidos explicitamente.

A escola de samba, por meio do seu enredo, entra em um campo do discurso político muito atual, retomando um acontecimento de grande repercussão no ano de 2018:

O enredo do Carnaval de 2018 homenageia, entre outras personalidades importantes para a comunidade, a vereadora do Rio de Janeiro, Marielle Franco, assassinada em 2018: “Brasil, meu nego; Deixa eu te contar; A história que a história não conta; O avesso do mesmo lugar; Na luta é que a gente se encontra [...] Salve os caboclos de julho; Quem foi de aço nos anos de chumbo; Brasil, chegou a vez; De ouvir as Marias, Mahins, **Marielles**, malês [...]” (DOMÊNICO *et al.*, 2018, grifo nosso)

De acordo com o artigo *Mangureira homenageia Marielle Franco em samba-enredo do Carnaval 2019*, publicado pelo portal Hypesess, “o gesto da Estação Primeira de Mangureira serve de esperança para a resolução do assassinato da quinta vereadora mais votada do Rio de Janeiro. Desde sua morte, Marielle Franco tem sido vítima de declarações odiosas de grupos de extrema direita.” (REDAÇÃO, 2019). Não só isso nos indica a posição da escola na formação ideológica progressista, mas o assassinato da vereadora – que era negra e lésbica, colocando-se ainda mais no lado esquerdo do conflito de sentidos – foi ligado ao presidente Bolsonaro por alguns meios de comunicação – lembre-se do *AI* midiático. O Portal CNN - Chile publicou, em março de 2019, matéria intitulada *Todas las pistas que llevarían a Bolsonaro: Justicia brasileña aún no aclara quién mandó a matar a Marielle Franco*, na qual afirma:

La policía aseguró que la autoría material del crimen está esclarecida, pero en contraste no existen pruebas que guíen hacia quién la mando a matar. Sin embargo, existen una serie de pistas que apuntan hacia una figura altamente conocida: el presidente brasileño Jair Bolsonaro. (CNN, 2019).

Outros meios também publicaram artigos a respeito. O jornal El País publicou a matéria *Caso Marielle, uma investigação radioativa para os Bolsonaro*, em 13 de março de 2019⁶; no mesmo dia, a revista Carta Capital publicou a matéria *Existe ligação entre o suspeito de matar*

⁶ Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/12/politica/1552419486_613361.html. Acesso em: 25 set. 2019.

*Marielle e o clã Bolsonaro?*⁷. Essa recorrência de comentários a respeito do assunto, dadas as *condições de produção* – um contexto, nesses casos, de vitória do candidato do PSL, demonstra como toda a questão política está imbricada nesses discursos e como diferentes *formações discursivas* compõem essa *formação ideológica* de esquerda, que se demonstra mais progressista.

Não é à toa que todos os temas se relacionam de alguma maneira. Orlandi (1999) explica esse fator:

As condições de produção, que constituem os discursos, funcionam de acordo com certos fatores. Um deles é o que chamamos de relação de sentidos. Segundo essa noção, não há discurso que não se relacione com outros. Em outras palavras, os sentidos resultam de relações: um discurso aponta para outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros. Todo discurso é visto como um estado de um processo discursivo mais amplo, contínuo. (ORLANDI, 1999, p. 39)

Um ponto interessante a se analisar é que, ainda que o discurso conservador haja vencido as eleições em 2018 e possua uma legião de sujeitos interpelados por suas formações ideológicas e discursivas, o enredo progressista da Mangueira venceu a competição entre as escolas de samba do Carnaval do Rio, poucos meses depois das eleições, e se colocou no centro da circulação discursiva e da cena de representação do momento (CORTEN, 1999), dado que o carnaval do Rio é um evento de dimensões internacionais. Nota-se que a disputa entre as narrativas é intensa e que ora uma, ora outra se põe em evidência no campo da circulação discursiva.

Nesse caso, retomando a questão dos *aparelhos ideológicos*, o carnaval é parte do AI cultural. Nota-se, portanto, que a *interpelação do sujeito* em torno das eleições e seus resultados não ocorre necessariamente através do AI político, representado pelos partidos e candidatos. Ela também se dá pelos AI cultural e midiático, especialmente no contexto de uma maior desresponsabilização do Estado devido ao domínio da lógica neoliberal.

⁷ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/existe-ligacao-entre-o-suspeito-de-matar-marielle-e-o-cla-bolsonaro/>. Acesso em: 25 set. 2019.

4 Considerações finais

Como apresentado na introdução deste trabalho, busquei a *compreensão* dos discursos que produziram (e ainda produzem) sentidos no Brasil após a grande polarização ideológica que ocorreu no país. Tratei de fazê-lo organizando os *gestos de interpretação* das campanhas presidenciais dos dois principais candidatos à presidência do Brasil nas eleições de 2018, bem como das manifestações de alguns eleitores. Além disso, apresentei enunciados de *sujeitos* representativos de movimentos minoritarizados, *interpelados* pela ideologia progressista, que disputava o centro da *circulação discursiva* contra a *formação ideológica* conservadora e reacionária. As interpretações das relações entre sujeitos e sentidos, bem como o embate entre as narrativas, ligam-se por meio do uso e dos deslizamentos da bandeira nacional. Todos os gestos de análise se basearam em materialidades discursivas (considerados seus *contextos* e *co-textos*) espalhados por meio dos *AI* midiático e cultura, representados por portais de notícias, redes sociais e pelo carnaval.

Por meio dos gestos de análise, é possível apontar para duas *formações ideológicas* bastante marcadas no Brasil: uma conservadora, cujo discurso perpassa por *formações discursivas* que remetam à homofobia, ao racismo e à misoginia, por exemplo; e outra progressista, que visa defender as pautas contrapostas pelos discursos de Jair Bolsonaro e seus seguidores. No fim, no centro do *campo discursivo*, o discurso conservador se pôs em evidência nos conflitos de sentidos, e o candidato do PSL venceu as eleições. Entretanto, os sujeitos interpelados pela ideologia progressista resistiram a isso, como é o caso dos movimentos que substituíram seus objetos simbólicos por bandeiras que deslizaram para outros sentidos que não o discurso positivista e autoritário, aos quais a bandeira nacional remete atualmente.

Nessa análise, contudo, deixei de lado outras materialidades discursivas que poderiam servir de objeto de análise de discurso nas *condições de produção* apresentadas aqui, como as frases “Ele não” e “Ninguém solta a mão de ninguém”, que marcaram o decorrer da campanha eleitoral e são mantidas pela resistência dos movimentos progressistas. A intenção, aqui, foi de cotejar, brevemente, aspectos da teoria da análise de discurso de filiação francesa com discursos que acontecem em nosso contexto recente e, pode-se dizer atual, por meio de um dispositivo organizado em torno de objetos simbólicos e enunciados (materializados em forma

de propagandas de campanhas, entrevistas, falas, reportagens, memes e postagens em redes sociais) que carregam os sentidos em torno da polarização ideológica que se apresenta no Brasil.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Referências

ALTHUSSER, Louis. **Sobre a reprodução**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

AMARAL, Maria Virgínia B.; ZOPPI-FONTANA, Mónica G. Análise do discurso e o materialismo histórico. *In*: INDURSKY, F.; FERREIRA, M.C.L.; MITTMANN, S. (Org.). **Análise do discurso**: dos fundamentos aos desdobramentos. 30 anos de Michel Pêcheux. Campinas, Mercado de Letras, 2015. p. 35-54.

BRANDÃO, H. N. **Introdução à Análise do Discurso**. 4. ed. Campinas, SP: Unicamp, 1995.

CNN CHILE. **Todas las pistas que llevarían a Bolsonaro**: Justicia brasileña aún no aclara quién mandó a matar a Marielle Franco. Santiago, 15 mar. 2019. Disponível em: https://www.cnnchile.com/mundo/caso-marielle-franco-jair-bolsonaro_20190315/. Acesso em: 24 jul. 2019.

CORTEN, A. Discurso e representação do político. *In*: INDURSKI, F.; FERREIRA, M. C. L. (Org.). **Os múltiplos territórios da Análise do Discurso**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzato, 1999. p. 37-52

DOMÊNICO, D. *et al.* Samba-enredo 2019 – **Estação Primeira de Mangueira**. Rio de Janeiro, 2019. <http://www.mangueira.com.br/carnaval-2019/sambaenredo>. Acesso em: 25 set. 2019.

FLORÊNCIO, A. M. G. *et al.* **Análise do discurso**: fundamento & práticas. Maceió: EDUFAL, 2009.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Trad. de Luiz Felipe Baeta Neves. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

GÓES, B.; ROXO, S. Para enfrentar Bolsonaro, PT adota o verde e amarelo no segundo turno Campanha vai usar cores da bandeira brasileira, já utilizadas pelo presidenciável do PSL. **O Globo**. 10 out. 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/para-enfrentar-bolsonaro-pt-adota-verde-amarelo-no-segundo-turno-23145788>. Acesso em: 25 set. 2019.

GUERRA, V. A análise do discurso de linha francesa e a pesquisa nas ciências humanas. **Anais do Sciencult**, Paranaíba, v. 1, n. 1, 2009. Disponível em: <https://anaisonline.uems.br/index.php/sciencult/article/download/3274/3247>. Acesso em: 25 set. 2019.

MALDIDIÉ, D. Elementos para uma história da análise do discurso na França. *In*: ORLANDI, Eni. P. (Org.). **Gestos de leitura**: da história no discurso. 4 ed. Campinas: Unicamp, 2014. p. 17-30

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: princípios & procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, M. A análise de discurso: três épocas (1983). *In*: GADET, F.; HAK, T. (Org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas, Unicamp, 2004. p. 163-252.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Pucinelli Orlandi *et al.* 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas [1975]. *In*: GADET, F.; HAK, T. (Org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3 ed. Campinas: Unicamp, 1997. p. 163-252.

PEIXE, F. A. G.; SANT'ANNA, R. de; ALVES, H. A mangueira - História da mangueira. **Página oficial da Estação Primeira de Mangueira**. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <http://www.mangueira.com.br/historiamangueira>. Acesso em: 25 set. 2019.

REDAÇÃO. Mangueira homenageia Marielle Franco em samba-enredo do Carnaval 2019. **Hypeness**. 2019. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2018/10/mangueira-homenageia-marielle-franco-em-samba-enredo-do-carnaval-2019/>. Acesso em: 27 set. 2019.